

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Homenagem aos médicos da “velha guarda de Juqueri”

A homenagem foi prestada em reunião-almoço, realizada no dia 13 de fevereiro último, na Clínica Maia, por iniciativa do prof. Edmundo Maia, autor do texto abaixo. Durante a reunião, falaram os profs. Darcy Uchôa, Paulo Fraletti, Hilton Tavares, Sérgio Traldi e Edmundo Maia. Além deles, estavam também presentes Maurício e Henrique Levi, Renério Fragnas, Antero B. Barata, Edu M. Gomes, Cléo L. Luz, Benedito Sampaio, Luiz A. Fiore, Walter Speltri, Nelma e Rubens Scarlet, Carlos Sacramento, Othoniel Bueno Galvão, Sílvio Barbosa, Guido Palomba, Névio di Pietro, Daniel Hage, a psicóloga Sônia Yalhe e a viúva Olga Vaz.



Da esq. para a dir.: Benedito Sampaio, Othoniel Bueno Galvão, Maurício Levi, Darcy Uchôa e Edmundo Maia

Caros colegas de Juqueri,

Que bom terem vindo a este encontro. Encontro de recordações, de reminiscência e de saudades. Ao nos revermos, frente a frente, olhamo-nos, trocamos abraços e exclamamos: “Puxa vida! Há quantos anos, hein?” Há 10, 20, 30, 40 anos não nos víamos! E com uma boa carga de curiosidade e de generosidade — que a experiência da vida e o peso dos anos nos proporcionaram — encaramo-nos e nos avaliamos. Pesquizamos rugas nos rostos. Aferimos o brilho dos olhos. Conferimos fios de cabelos, tamanho e lustre de carecas. Medimos dimensão de barrigas. Calculamos peso e volume de corpos. Depois passamos, com fraternidade e sem competição, a verbalizar nosso julgamento: “Como V. (ainda) está em forma!”, “V. pouco mudou!”, “V. está um pouco mais gordo (ou um pouco mais magro!)” Todos, por respeito mútuo à idade, evitamos soltar a sentença que certamente aflorou na ponta da língua: “Só que um pouco mais velho...”

É evidente que hoje somos setentões ou sessentões, e devemos dar graças a Deus por este privilégio. Desejo que todos neste encontro sentimental se sintam em estado de graça e permaneçam num astral agradável e positivo. Hoje aqui não teremos discursos solenes. Falaremos com nossos sentimentos liberados, em ritmo de associação livre de idéias, sobre Juqueri de nosso tempo.

Debruço-me na janela do passadouro. E assisto desfilar na tela da mem-

mória cenas interessantes. Olho para Darcy Uchôa — representante vivo da fase dourada e gloriosa de Juqueri, na década de 40 — e revejo, entre os luminares da Psiquiatria da época, as figuras marcantes de Mário Yahn, de Paulo Lentino, de Anibal Silveira, de Aloisio Matos Pimenta, de Paulo Pinto Pupo, de André Teixeira Lima, de Francisco Tancredi, de Walter Maffei, de Coriolano Goes, de Mário Reis, de Osório César, de Celso e Cândido Pereira da Silva, de Edgard Pinto César, o diretor, pessoa exigente no cumprimento dos deveres, porém muito rígido e frio a ponto de ser chamado pela turma de “Dr. Peixe”...

Faço agora uma regressão para 1944, ano em que ingressei no Juqueri, como médico-assistente, vindo do Rio, recém-formado e orientado pelo querido mestre Henrique Roxo. Associo a partida do trem, pontualmente às 7h10, da Estação da Luz. A maria-fumaça (mais tarde substituída pelo trem elétrico) sempre premiava alguns passageiros com faíscas que deixavam pontos queimados na roupa. A turma juqueriana se espalhava nos vagões. Uns viajavam lendo, outros batiam papo. Alguns aproveitavam para estudar ou trocar idéias sobre Psiquiatria. Um pequeno grupo até jogava xadrez... Quarenta minutos após, descíamos na estação Franco da Rocha. Duas vezes e desconfortáveis “jardineiras” transportavam os médicos, aos tranços e barrancos, ao Hospital Central, ao Manicômio Judiciário

ou às Colônias. Subíamos depois a grande escadaria do Hospital, direitos para assinar o ponto no relógio... em fila indiana (ai de quem esquecesse de assinar a entrada ou a saída, a burocracia criava dificuldades para a justificativa da presença, mesmo com provas marcadas no setor de trabalho do “distraído”).

A seguir, no salão, servíamos-nos de um cafezinho com forte gosto de palha de milho. Era intragável e classificado por nós com os três “ffs” conhecidos! Depois, dirigíamos-nos ao Pavilhão de trabalho. Cada médico (novo ou antigo) tinha uma carga mínima mensal de trabalho a executar, cobrada com rigor pela administração.

Recordarei agora o almoço servido de um cafezinho com forte gosto de palha de milho. Era intragável e classificado por nós com os três “ffs” conhecidos! Depois, dirigíamos-nos ao Pavilhão de trabalho. Cada médico (novo ou antigo) tinha uma carga mínima mensal de trabalho a executar, cobrada com rigor pela administração. Recordarei agora o almoço servido das 11h30 às 12 horas. Comida de serviço público, feita com artigos de segunda categoria e preparada por funcionários públicos! Intragável! Muitos médicos faziam regime forçado. Alguns nem compareciam ao refeitório. O barzinho da Estação da Luz era que forrava o estômago dos esfomeados! Repetíamos então o mesmo ritual para o regresso. Assinatura do ponto, desconforto da “jardineira”, Estação Franco da Rocha, corrida aos vagões do trem à cata de lugares para sentar, chegada a São Paulo por volta das 13h40. Na Estação da Luz dispersávamo-nos, cada um tomando rumo para atender seus compromissos.

Extraordinário e admirável era que, apesar desses sacrifícios e das exigências administrativas, sempre

havia espaço para reuniões semanais de estudo e de discussão de casos clínicos, em determinados dias e horários, dirigidas pelos drs. Yahn, Anibal, Lentino, Darcy, nos pavilhões que chefiavam, drs. André e Tancredi, no Manicômio Judiciário e, aos sábados, pelo Prof. Maffei, no Laboratório de Anatomia Patológica.

Além dessas reuniões, ainda funcionavam cursos de Psiquiatria Clínica, Psicopatologia, Psicoterapia, Psicofarmacologia, Testes Psicológicos, patrocinados pelo Centro de Estudos Franco da Rocha, dentro e fora do Hospital de Juqueri. Estes realizados à noite e em colaboração com a APM e outras instituições científicas, cursos que eram frequentados por médicos e psicólogos de São Paulo, outros Estados e países vizinhos. E havia mais: até cursos populares de Higiene Mental, promovidos por Centros Culturais de Operários e ministrados pelos médicos de Juqueri (lembro-me de um deles, de grande frequência no Brasil!). Associa-se agora o espetáculo da célebre banda de música de doentes de Juqueri.

Eis aqui exemplos de Psiquiatria Social, funcionando realmente, sem nenhuma ideologia política. Isso na década de 40! Aquela época era mesmo de ouro. Os médicos antigos de Juqueri, experientes, professores natos e sem títulos universitários não se negavam a ensinar a nova geração. E sem nenhuma recompensa sequer como funcionários! Os médicos jovens, com

poucas exceções, não mediam sacrifícios para aprender, o mais possível, com os mestres voluntários. E quando havia Congressos de Psiquiatria, a equipe científica de Juqueri pontificava, destacando-se pela quantidade e qualidade dos trabalhos apresentados.

Em Juqueri forjaram-se nomes eminentes que se destacaram no cenário médico especializado do País. Folheando, de passagem, as páginas históricas de Juqueri, evocarei inicialmente os nomes de Franco da Rocha A.C. Pacheco e Silva, Alberto Seabra, Pedro Augusto da Silva, Júlio Andrade Silva Jr., E. Pinto César e Raul Malta, o diretor querido dos colegas, funcionários e doentes. Na Psiquiatria (deixarei de ler a lista, por ser extensa e porque muitos nomes estarão citados nas diversas categorias). Na Neurocirurgia (Aloisio M. Pimenta), na Anatomia Patológica (Maffei e Rui Piazza), na Psiquiatria Forense (André, Tancredi, Ernani B. Carneiro, Paulo Fraletti, Tarcisio L. Cintra, Guido Palomba), na Comunicação (José Ângelo Gaiarsa), no Ensino (Darcy, Anibal, Yahn, André, Maffei, Aloisio, Fraletti, Paulo Pinto Pupo, Maurício Levi, Stanislaw Krynski, João B. Burza, Átila Vaz, Aldo Miletto, Edu M. Gomes, E. Maia e outros), na administração pública e privada (Renério Fragnas, Antero B. Barata, O. Perez Velasco, Rafael de Mello Alvarenga, Hilton Tavares, Walter Speltri, Spartaco Vizotto, Milton Sabbag, Benedito Sampaio, Luiz A. Fiori, Nelma Scarlet, Sérgio Traldi, E. Maia e outros).

Como vêem, sobravam carradas de fatos, argumentos e razões para Juqueri ser considerado, na época, o maior celeiro de especialistas do Brasil e a melhor escola de formação de psiquiatras da América do Sul.

Neste encontro de recordações e de saudades não poderíamos esquecer dos colegas falecidos e de lhes prestar singela homenagem. E aos colegas que trabalharam em Juqueri e que não ocuparam posições de chefia e destaque, também entendemos nossas homenagens, uma vez que jamais deixaram de realizar, segundo Sófores, a mais bela obra humana, que é a de ser útil ao próximo.

Jubileu de Ouro da 25ª turma da F

* Helladio Francisco Capisano

01. Hoje rendemos nossa homenagem de reconhecimento e gratidão a esta Faculdade que nasceu, lavrou, medrou vencendo, entre inúmeros méritos, com o galardão de escola médica, padrão A na América Latina.

02. Nossas primeiras palavras são dirigidas a colegas, eventualmentem enfermos, nos quais a doença, expressão da história da vida em atmosfera de ansiedades, permeada de conflitos, propõe problemas, mas alimenta esperanças pelas suas soluções.

03. Não temos todavia palavras, nem expressões que deem vazão às mágoas e turbulências de nossos sentimentos aos colegas falecidos, sempre reverenciados durante o curso e ao longo destes 50 anos.

04. Diante das perdas irreparáveis a sensação é de recolhimento, a dor se cristaliza, as lágrimas assumem contornos de pérolas nos pungentes epílogos da vida.

05. Tivemos benqueranças e afetividades. Anos de porfiado esforço, noites a fio debruçados sobre livros, intermináveis vigílias à cabeceira dos enfermos, dias estafantes de atividades, preocupações, inquietações, agitações de toda ordem.

06. O contato da família, de nossos colegas falecidos, com a realidade tangível da morte rompe violentamente ilusões, fato e desalento inevitáveis, vencidos com boas lembranças, guardadas em nossos corações.

07. Nada passa de todo sobre a terra. O homem repete os pais e se revê nos filhos e nos netos. Muitos exemplos ocorrem entre nós. Permito-me citar o meu. Claudio Sérgio, meu filho, médico, cirurgião, minha neta Gabriela, aluna da Escola Paulista de Medicina, e o avô, neste momento, comemora o seu jubileu. Três gerações, através das quais criamos e dependemos. Qual o significado profundo desse ciclo?

08. Nada somos, individualmente. Sobrevivemos nos prolongamentos de uns com os outros, perpetuando a vida na infundável cadeia dos tempos.

09. Colegas de nossa turma granjearam enorme clientela, parados por todos. Operosidade infatigável, consciência sempre presente na responsabilidade e bondade. Se a Medicina não está toda na bondade, menos vale sem ela, escreve Miguel Couto.

10. Cultura, presteza de raciocínio, penetração clínica ingênita, vitalidades renovadoras, personalidades ricas de seiva e de espiritualidade, trabalhadores intelectuais vivendo com o exclusivo pábulo de subsistência foram e são nossos colegas clínicos, cirurgiões, livre-docentes, professores, diretores de fa-

culdades e de outros cargos nas esferas particular, municipal, estadual e federal.

11. Grandes capacidades criativas e científicas, propulsoras de trabalhos, sempre à cata de novas veredas como orientadores, didatas, magníficos expositores em sua maioria, qualidades conseguidas ao longo de muitos anos de experiências. Observamos maturidade de pensamento, com recursos de personalidade para orientar os mais jovens no criar e no progredir.

12. Jubileu de ouro pode ser entendido como expressão de energia da maturidade, o saber da experiência clínica e da vida com inquietação interior pela triplíce curiosidade: científica, social e política, com desambição, sem qualquer vantagem utilitária pessoal, sem caça a clientes ou a empregos.

13. Não fomos empurrados pelo tempo ou pelos outros. Deus nos guiou e nos protegeu. O jubileu não é posto que se dispute, nem que se galgue por bravura ou por merecimento. Caminhamos bastante na existência, somos talvez objetos de curiosidade, resistentes ao tempo. Contemplam-nos, perguntando, como se estivéssemos no limiar de nossa vida profissional: "Vocês ainda trabalham?"

14. Sim. Chegamos ao jubileu como simples ponto de reparo cronológico. Muitos, com todo vigor, preservam altos atributos de inteligência e capacidade produtiva labutando em suas clínicas, ministrando aulas, cursos de pós-graduação, elaborando trabalhos e livros.

15. Não posso concordar com William Osler, considerado um dos maiores professores de clínica médica, com atividade didática nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, quando na regência de sua cadeira em Oxford declara: "Nenhum homem produz obra verdadeiramente criadora depois dos 40 anos, pode ascender a cátedra entre 25 e 30 anos e o tempo máximo de permanência no posto dois decênios."

16. Asserção chocante e perturbadora. Atualmente, muito repetida. Continua Osler: "Tudo parece de relativa inutilidade dos homens de mais de quarenta anos e a inutilidade dos de mais de sessenta."

17. Não podemos negar os jovens. Áureos anos de abundância científica, construtivos, com grande crédito e salto mental indiscutível se alinharam Harvey, Laennec, Virchow, Lister, Koch e muitos outros com verdes anos pendentes sobre suas cabeças por pesquisas com ressonância universal. Jovens capazes de criar e progredir.

18. Os gerontos são denegridos por Osler quando assegura o homem "como moralmente são aos 30, mentalmente rico aos quarenta e espiritualmente sábio aos 50 ou

nunca". O nosso caboclo, procurando também dar certeza aos números, diz de forma erudita e estilizada: "Quem aos vinte não tem barba, aos trinta não se casa e aos quarenta não tendo barba não se casa porque não tem aquilo..."

19. Aos maiores de sessenta anos, Osler é impiedoso: "Todos os males do mundo, quase todos os grandes políticos, todos os péssimos poetas, a maioria das pinturas ruins, as más novelas, os péssimos sermões e discursos são obras dos sexagenários. Há exceções, diz ele, sobretudo quando ajudado pelas mulheres, quando ornadas por jóias acessórios, toucas e um xale."

20. Osler, um desabusado, incômodo, demolidor, crítico severo, pretensioso com todas as suas certezas, poderia nos permitir uma tentativa de aproximação à seguinte presumível conjectura: reedita seus impulsos hostis, denegridores e arrasadores contra seu pai e contra sua mãe. Mais tarde, no avançar dos anos, ele próprio se desmentiu, permanecendo na cátedra até a idade prolecta.

21. Essa onipotente precisão de números, como cronômetro da vida, também se repete na determinação que aos 55, 65, 67 e 70 o homem não deve trabalhar, como falarei mais adiante.

22. A propósito sobre precisões, Ortega y Gasset escreve: "Ninguém vê uma laranja." Existe, quando se olha pela primeira vez uma laranja, uma percepção parcial. Costumase dizer que o fruto é observável pela soma da percepção do momento com as impressões mentais dos registros anteriores.

23. Werner Heisenberg nos dá uma lição sobre nossa pretensiosa segurança naquilo que observamos. Como físico de energia quântica, acostumado à exatidão, acompanhou as órbitas dos elétrons. Após exaustivos estudos, descobriu que umas eram diferentes das outras, modificando-se na relação do observador com o fenômeno observado. Enunciou algo inusitado, o "Princípio das Incertezas".

24. Inqueri Wilfred Bion, analista didata da Sociedade Britânica de Psicanálise, sobre sua abordagem a respeito desse princípio. Respondeu-me, com sua arguta e reconhecida inteligência, que a experiência humana poderia enriquecer a assertiva de Werner Heisenberg com outro enunciado: "A certeza das Incertezas".

25. Episódio significativo, sobre as incertezas da vida, ocorreu depois do dia 9 de dezembro de 91, quando em almoço no Nacional Club, comemorativo de nosso 49º aniversário de formatura, discutíamos sobre as festividades deste Jubileu, que hoje comemoramos. Eu insistia com Dante Nese que na oportunidade deveríamos ter reunido festa à noite. Ele procurou me demover dessa idéia apontando

limitações dos colegas por dificuldades no manejo de automóveis à noite, além de numerosos outros impedimentos. Sai desse almoço frustrado, não concordando com suas ponderações.

26. Quarenta e oito horas depois, acometido por espasmos coronarianos com obstruções parciais, ingressava eu no Pronto Socorro do Incor. Oito dias depois, o professor Adib Jatene procedia a revascularização do meu miocárdio. Mistério das incertezas da vida. A mesma intervenção o ilustre mestre realizou há algum tempo em Dante Nese. Fomos revitalizados e não temos palavras para a nossa profunda gratidão.

27. Quando professor titular de Psicologia Médica e Medicina Psicossomática, preparava aula sobre envelhecimento, desejando com as primeiras palavras provocar entre os alunos um grande impacto. Refleti e disse: o jovem de hoje é o velho de amanhã! Aguardei, em silêncio, esperando alguma repercussão. Nenhuma.

28. Velho é fantasma para a mocidade. Não acredita que a velhice venha existir para si. Juventude não aceita a senescência. Existe a Jovem Pan, mas não a Velha Pan. O jovem promete a si próprio escapar dessa ignomia, preferindo a morte para não passar pela senectude. Uma espécie de cegueira a esse espantallo.

29. Velhice não é sinônimo de invalidez e nem de aposentadoria. Importa saber se existe ou não condição de trabalho. Aposentadoria para homem válido é crime para com ele e para com a sociedade. Incoerência é o contribuinte pagar tributos ao homem útil para o trabalho e para a sociedade. Trabalho é vida do homem. Sem ele é morte. Aposentadoria, com pecúnio digno para vida respeitável, deve ser propiciada para todo ser humano, por doença ou acidente incapacitante em qualquer idade.

30. Jamais governo algum pode interferir no destino do homem válido, marcando-lhe impedimento ao trabalho (55 a 65 anos — França; 65 — Dinamarca, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Grécia e Luxemburgo; 67 — Suécia; e 70 — Noruega e Brasil). São números totalmente abstratos, marcados para a vida como estigmas de incapacidade. Estudo estatístico feito na Inglaterra evidenciou que aos 70 anos somente 20% não podiam ser úteis ao trabalho.

31. Burocratas sociais do mundo inteiro estilhaçam a família, denegrem os recursos do homem, conduzindo-o ao ostracismo, reduzindo círculo de amizades, levando desgosto, propiciando solidão, doença e morte.

32. Em trabalho publicado no "La Presse Medicale", pessoas de 70 anos foram divididas em dois grupos: no primeiro grupo, seus in-

tegrantes foram convidados a trabalhar; no segundo grupo, aconselhados a continuar sem qualquer atividade profissional. Após cinco anos, verificou-se no primeiro grupo pequena incidência de doenças e número reduzido de óbitos. No segundo grupo, aquele dos inativos, era muito maior o número de pessoas doentes, com também maior o número de mortes.

33. Tolstoi, aos 67 anos, aprendeu a caminhar de bicicleta e, aos 80, a andar a cavalo. Seu corpo era velho, seu ânimo uma fortaleza. Giovanni Papini, grande escritor, preocupava-se, aos 70 anos, com os seus livros não concluídos, afirmando que necessitava trabalhar muito, pensar, escrever, ler, e para isso precisava de dois olhos novos, dias sem dormir, meio século à sua frente. Renoir com mãos rijas pintou até aos 78 anos.

34. Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra, nosso colega, sugeriu-me a figura de Goethe. Sem dúvida, um dos grandes gênios literários do mundo, integrando a galeria composta por Homero, Shakespeare, Dante, Camões e Cervantes.

Johann Wolfgang Von Goethe vê sua obra-prima Faust publicada integralmente aos 83 anos, após trabalhos incessantes durante toda sua vida. O misterioso doutor Faust, depois de envolver-se em trabalhos de magia negra, vendeu a alma ao diabo, a fim de obter prazeres e mostrar o desejo do ser humano de transcender os limites do poder e do conhecimento. No final do poema, Faust atinge a salvação espiritual, graças ao nobre esforço de sua vida, ultrapassando as dissonâncias do Mal e da Terra pela dissolução obtida na eternidade de Deus, o Senhor.

Goethe, poeta, dramaturgo, crítico, romancista, figura suprema da civilização ocidental, com aguda sensibilidade, escreve, nos seus derradeiros anos: "O conteúdo poético é o conteúdo da própria vida."

35. Entre nós, Sebastião de Carmo Calazans, nosso colega, é exemplo notável de vida. Em dois de novembro último, lúcido, saudável, assistiu à missa em ação de graças, rezada pelo seu filho sacerdote, na Igreja Nossa Senhora do Brasil, pelos seus 100 anos de idade! Apaixonado pesquisador, entre lâminas, culturas, soros, vacinas, etc. esse médico, formado em 1918 na primeira turma da então Escola de Medicina e Cirurgia, ainda hoje aponta desenvolvimento de pesquisas efetivas contra Aids. Urge, diz ele, a utilização de animais recém-nascidos com vida praticamente uterina, assegurando que o importante também é a escolha do animal de laboratório entre cobaias, coelhos e camundongos.

36. Trazem os homens, entre si, costumeira guerra de vaidades. O ser humano, observando a vaidade

“Memórias do delírio”

Contestando o diagnóstico

* Guido Arturo Palomba

Acabo de ler o livro *Memórias do Delírio*, confissões de um esquizofrênico, de L.F. Barros, editora Imago, 1992, RJ. A obra é o relato verdadeiro da vivência de um homem nascido em São Paulo, Capital, no ano de 1953, que, com cerca de 24 anos de idade, começou a sofrer de delírios e alucinações, com suas conseqüências sociais e familiares. Os episódios delirantes-alucinatórios se repetiram e, como resultante, foi acabar nas mãos de psicólogos e psiquiatras, sofrendo toda sorte de tratamento: internação, contenção física, psicofarmacoterapia, eletroconvulsoterapia, análise psicológica etc. Fora diagnosticado como portador de esquizofrenia.

Com todo o respeito devido aos profissionais que o examinaram, pelo fato de sequer conhecer o tipo físico do autor-paciente, ouso, com arrojo mas segura confiança, discordar, peremptoriamente, do diagnóstico estabelecido. O quadro clínico autobiográfico descrito não é e nunca foi o de um esquizofrênico. Digo de caminho que não temo estar cometendo erro, pois as descrições encontradas no corpo da obra são claras, distintas e adequadas. Como dizem os médicos, o quadro clínico descrito no livro é “de livro” e é o que bastou, pois a Clínica é Soberana, para afastar, por completo, a esquizofrenia. Com efeito, o primeiro tópico contra a esquizofrenia, seja a de conceito bleuréliano ou kraepeliniano, é a excelente capacidade de crítica pós-epísódio psicótico que o autor-paciente apresenta. Esquizofrênico não é capaz de criticar tão bem a própria morbidez, mesmo quando nos períodos de acalmia, pois esse mal, ao remítir o surto agudo, deixa o assim chamado defeito esquizofrênico que, no livro, em nenhum momento aparece.

Em segundo lugar, a esquizofrenia compromete a afetividade, embota-a, e o autor-paciente não padece dessa psicopatologia, lembrando, entre outros fatores (ligação com a esposa, familiares, caiçaras), o forte vínculo afetivo para com o seu terapeuta (pág. 52). Em terceiro lugar, nos episódios psicóticos agudos o autor-paciente sofria de alucinações visuais e os esquizofrênicos padecem de alucinações auditivas, sendo raríssimo, para não falar impossível, esquizofrênico ter alucinação visual. Em verdade, são inúmeras as características psicopatológicas que dizem contra ser caso de esquizofrenia.

Mas se não é esquizofrenia, é o quê? Em que pese o excelente relato psicopatológico da obra ora comentada, não resta dúvida de que estamos nos avindo com quadro

psicótico de origem epiléptica. E disso eu não tenho a menor dúvida. A epilepsia é, como já dissera o “mestre comum de toda a Europa”, Hermann Boerhaave (1668-1738), o mais polimorfo dos males, não havendo nenhum que a ele se iguale.

A moderna psiquiatria, após a aceitação da cerebroanatomia psiquiátrica, descobriu, graças aos estudos iniciados por Perez Velasco e continuados por Maffei, Piazza, Coura, Átila Vaz e outros mestres do saber, que todo epiléptico apresenta um mesmo substrato anômico cerebral, isto é, um cérebro cujas características morfológicas são as mesmas, as quais compõem-se de malformações no Corno de Ammon, no feixe de Vic D’Azir, assimetria entre os dois hemisférios do nevrax etc. Um cérebro assim constituído é capaz de produzir sintomatologia epiléptica variadíssima, a qual pode ser agrupada em três formas, dando, então, a epilepsia forma neurológica (onde predomina o quadro neurológico: crises convulsivas completas, parciais etc.), a epilepsia forma condutopática (onde predomina distúrbios de conduta) e a epilepsia forma psicótica, que é a de que o autor-paciente padece, e é sobre a que se discutirá.

Essa forma de manifestação epiléptica, não raras vezes, é confundida com a esquizofrenia, pois o quadro psicótico é semelhante. Mas, entre ambas, há diferenças fundamentais, as quais precisam ser muito bem estabelecidas, pois do bom diagnóstico vem o bom tratamento. Mais acima já foram apontadas algumas características que as individualizam (alucinações, que no esquizofrênico são au-

ditivas e bem estruturadas, e, no epiléptico, visuais; a questão da autoerótica que, no esquizofrênico, após o surto, continua comprometida, e, no epiléptico, quase sempre se restabelece integralmente; a questão da afetividade, que é característica em cada uma dessas doenças). Porém, o juízo de certeza formado para o lado da epilepsia no caso em apreço se deve não apenas a essas poucas características acima apontadas, uma vez que outras psicoses também poderiam, teoricamente, engendrar.

O quadro clínico encaixa-se na epilepsia forma psicótica, pois o autor-paciente é capaz de entrar no chamado Estado Segundo (em relação ao Estado Primeiro, que é o vigo) dos autores franceses, ou Estado Crepuscular dos autores alemães, que se manifesta por momentos psicóticos epilépticos, nos quais há estreitamento de consciência com liberação, ordenada ou não, de automatismos motores e verbais e, depois deles, o olvido se instala, tal qual ocorreu no episódio descrito na página 93: “Saí cerca de oito quilômetros longe de casa e acabei por aportar numa prainha minúscula do costão da Boracéia. Então não me lembro de mais nada e tudo o que sei foi-me contado depois pelas crianças, por minha família e por meus amigos caiçaras”. Ou, ainda, na página 84: “...em seguida tudo é um branco em minha memória e não sei o que fiz”.

Mas não é só por isso que o quadro do autor-paciente se relaciona com a epilepsia, pois é bem claro também que ele apresentara episódios epilépticos de poriomania (“sou capaz de andar dezenas de quilômetros se estiver solto. Nin-

guém me acompanha”), ou mania deambulatória, também conhecida por vigambulismo (andar acordado), nome dado por Egger ao “desdobramento de personalidade”, que, na opinião de Charcot, é uma atitude anômala do ataque epiléptico, muito bem descrito por Mayer-Gross, mestre inglês dos mistérios da mente humana.

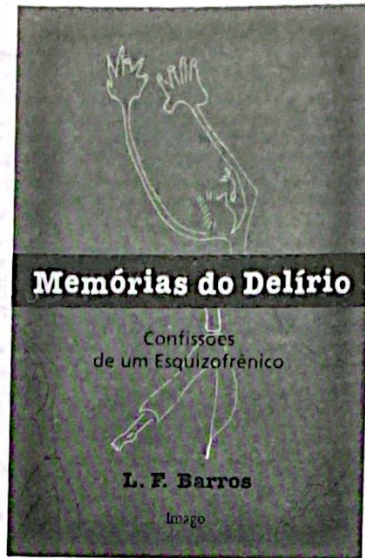
Corroborar ainda com a epilepsia a “energia sem fim e descontrolada” (pág. 85), o uso de maconha, “pichicata” e álcool etílico (o epiléptico usa drogas e etílicos para acalmar as impulsões Vaz), as crises de mania e depressão, a impulsão suicida, lembrando que os modernos estudos do cérebro revelam que aquilo que dizem que é psicose maniaco-depressiva (PMD) não é outra coisa senão o cérebro epiléptico em atividade própria, consoante os estudos brilhantes de Coura.

Toda a obra escrita revela, obrigatoriamente, aspectos da essência de quem a compôs. O exame do conteúdo do livro mostra que quem o escreveu é pessoa sutil, inteligente e perspicaz, capaz de transmitir suas vivências com palpante força de expressão, lançando o leitor na situação descrita, engendrando reflexões. As vivências dolorosas narradas mostram a formação da bagagem existencial do autor, a forma como palmilhou os inóspitos caminhos da desrazão, os quais conseguiu demarcar, após exaustivo trabalho de autoerótica, e contar em livro.

O diagnóstico por mim estabelecido não deve ser visto como desanimador. Ao contrário, a epilepsia é, dentre os males da mente, o que mais pode contribuir para o engrandecimento da pessoa. Sim, contribuir, pois o sofrido amiúde acaba como que compensado no seu destino ingrato com as dádivas da genialidade, tais quais as que serviram a alguns semideuses, entre eles Napoleão, Flaubert, Júlio César, Machado de Assis, Dostoiévsky, Van Gogh, e tantos e tantos outros epilépticos gênios imortais, patrimônios da humanidade.

O Morbus Sacer tem controle sim. Não se deve provocar o inconsciente neural, o cérebro. O estresse, já provocado pelo barulho, já pela luz intensa, ou ainda por noites maldormidas, libações alcoólicas, drogas, fome, excesso de líquidos circulantes etc, deve ser evitado. O cérebro é tal qual a carpintaria de telhado: se o peso que lhe colocam em cima exceder a resistência do material, tudo estala e se deforma. A sabedoria é não ultrapassar a medida, o metron, para não dar de frente com o braço de bronze da fatalidade cega.

* Guido Arturo Palomba é psiquiatra forense.



...alheia, ignora a sua. Aqui registro minha, na pretensão de falar em nome de meus colegas da 25ª Turma desta Faculdade. Vaidade é esconderio de nos permitindo que veja os defeitos, permitindo que veja a enorme distância aquilo que nos. A nossa vaidade nos torna intolerável à vaidade dos outros.

37. Há, entre nós, um homem em vaidade, com bondade intelectual, coração bem formado, intenções retílicas, simples, sem rebuços, armas de sua vitória na vida, personalidade com atraente aurores de simpatia, mente fecunda e esmerada. Incomparável aglutinada, acompanhando vicissitudes necessitados, fugindo sempre de qualquer homenagem. Mas, honesta festa do pêndulo universal os sentimentos, nesta festa de amizade esse homem não pode se voltar à nossa apreciação de que a modestia, elevação moral sem ostentação são os títulos para a prática do bem.

38. É homem que perdoa, reprovação da imagem divina. Não é secretário desta Faculdade. É secretário de Cristo: Dante Nese.

39. Seja professor Adib Dominatene o repositório do reconhecimento e gratidão da turma de 12 desta Faculdade a todos os nossos professores, sempre presentes em nossas memórias, com cenas levemente gravadas, pela aquisição de conhecimentos científicos úteis para o domínio da clínica pelo ensino de alto cunho formativo, rico de significações e valores, e pelo caminho do espirito universitário, conjugando professores e alunos em uma única aula.

40. Destaco, ao terminar, um homem pendulário da bondade, fascinando pelo prestígio, compreendendo as tentações coraras e não se tisanando com o pete da subserviência. E homem em palavras sem efeitos desnecessários, sem frases arrebicadas, condeias de construções brilhantes que faz lembrar um médico do século XVIII, Hermann Boerhaave, cuja popularidade permitiu recartas com uma única indio postal: Boerhaave — Euro-

Na América do Sul, esse homem pela disposição incomum ao qual tem o epíteto nominal de. Mostra em suas atividades a capacidade de sistematização de ser doutrinador e peritor dos escaninhos da alma.

Pelo seu extraordinário arca-intelectual pode ser encontrado se colocar, em qualquer de correios, este endereço: — América do Sul.

Oração proferida na sala da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 10 de dezembro do ano

O menor abandonado e a Febem Que futuro o espera?

Coluna do livro

* Fernando Régis Dantas

Problema angustiante, objetivo, aí está diariamente nos jornais, nas rádios e nas televisões, mostrando uma face triste da realidade brasileira: milhões de menores (moços na maioria, mas também meninas adolescentes em quantidade) abandonados, cometendo roubos, assaltos e mortes, e se drogando e prostituindo.

Numa única citação, pergunto e respondo: as Febems da vida resolvem? Enfatizadamente digo NÃO. O sistema carcerário já mostrou que nunca resolveu, nem resolve, nos moldes em que o vemos no Brasil e quiçá no mundo. O episódio do Carandiru em São Paulo foi péssimo para a imagem interna e externa do País.

Aí estão diariamente os motins, destruições e protestos das várias cadeias de nossas cidades, São Paulo e vizinhança, ocupando espaço de jornais e televisões e estarecendo a todos pela brutalidade dos fatos. Começamos pela fome em nosso país: problema que é, ao mesmo tempo, causa e efeito da injustiça, do desemprego, da doença, da violência, da não vida.

Quero deixar claro que de forma alguma compactuo com os desmandos, a violência, os assaltos, as barbaridades cometidas por esses menores abandonados, mas lembrar que em sua maioria são vítimas cruéis de uma sociedade que sempre se omitiu e que agora sente na pele os perigos que corre, sobretudo porque de uma forma ou de outra temos contribuído para a desigualdade sócio-econômica e péssima distribuição de renda em nosso país.

Vejamos, porém, a verdade e sejamos honestos, a fome é realidade no Brasil. Negar este fato é dar testemunho de ignorância, ingenuidade ou má-fé. Fome é violência, sobretudo num país-continente como o Brasil, com população relativamente pequena, país que não sofreu nenhuma guerra ou calamidade que impedisse alimentar sua gente.

E o que é a fome, senão

violência? A fome tem uma dimensão social; no Brasil é um escândalo! E o que é esmola? É a degradação do ser humano, é aviltante, é constringedora. Numa cidade pujante e rica como São Paulo, é triste vermos pedintes e os sem moradia a esmolar e a pedir, e a fazer com que muita gente (às vezes para essas pessoas de forma inconsciente) dar uns trocados e se "sentir em paz" com suas consciências...

A meu ver, não resolvem ajudas ocasionais ou benevolências de fim de ano, nas proximidades das Festas! Pura ironia! Para alguns poucos privilegiados, a fartura desenfreada, nababesca, sem medida! Para a maioria, os restos, as sobras dos banquetes!

Fome é violência, pois resulta da situação de injustiça estrutural, ou seja, da sociedade que se organiza sobre a injustiça. É de todos aqueles que se informam e se orientam o conhecimento dessas desigualdades. Não é necessário usarmos chavões ou frases feitas. O que é preciso é nos atermos à realidade.

A fome é uma forma de violação do corpo, da consciência e da vida; são formas de violação dos direitos do homem e da mulher, que são filhos de Deus. Violência é toda situação de dominação ou opressão que impede alguém de se realizar e ser mais gente. Fome é violência, violência é opressão!

Essa violência estrutural se expressa na organização e no funcionamento de um sistema sócio-econômico e político injusto, utilizando as maiorias (com o binômio Saúde e Educação totalmente deficitário para enfrentar as minorias privilegiadas) como força produtiva manipulada por essas minorias.

Situando-nos no Brasil, em termos redondos há aproximadamente trinta milhões de menores carentes ou abandonados (produtos de lares desagregados, filhos de mães solteiras, milhões delas adolescentes de 12 a 15 ou 16 anos), produto da má distribuição da renda, do desemprego (quantos desempregados o Brasil terá hoje?), do analfabetismo (quantos bra-

siheiros têm ao menos o primário? Que respondam as autoridades em Educação) e da fome crônica.

Tanto pior para o nosso país, pois daí surgem, quase inevitavelmente, os grandes delinquentes e criminosos, pois as Febems da vida já provaram, de forma inequívoca, sua inutilidade! Não nos esqueçamos: é sempre melhor prevenir do que remediar! Educar é a melhor forma de prevenção.

A violência da fome é a violência do desespero! É de todos sabido — somente os ingênuos, ignorantes ou de má-fé desconhecem — que a fome é uma compulsão irresistível! E pela sobrevivência se saqueia, se rouba, se mata, tudo é possível! Tanto pior para quem não se organiza! O preço é sempre alto: roubos, assaltos, seqüestros, homicídios, etc. Uma sociedade marcada pela injustiça social é geradora de criminosos. E a fome é uma injustiça social! O desemprego também! A discriminação igualmente!

E essa violência atinge e marginaliza basicamente os sem recursos, aqueles que por razões várias não tiveram acesso aos meios básicos de Saúde e Educação, que preparariam para enfrentar a vida atual, competitiva e massificante.

Eis aí o famoso binômio: Saúde e Educação; todo governo e todo político que se preza e quer o respeito de seu povo não pode, de forma alguma, negligenciar e deixar de investir maciçamente nele. Afinal, devemos sempre lembrar: Mens sana in corpore sano. (Mente sadia em corpo são).

A fome gera a violência. No Brasil, dados atuais afirmam que 40 milhões de pessoas estão em condições subumanas. É dolorosa, mas uma realidade. Paliativos, ajudas eventuais, filantropias e benemerências, amenizam, agradam alguns setores, são sempre louváveis, mas não resolvem. Temos que partir firmes para enfrentar a realidade brasileira, pois só modificando essas estruturas e proporcionando condições favoráveis é que podemos colher bons frutos!

Temos que ver a realidade, julgá-la e agir, cada um de nós e todos num sentido cristão, pois é amando-se os menos afortunados e ajudando-os a se libertarem de sua miséria que nós cumprimos a máxima tão conhecida que diz: "Você será mais feliz levando um pouco de felicidade aos outros."

O amor é a mais profunda exigência humana! Façamos o que pudermos por uma sociedade mais justa, mais humana, mais cristã! Lutemos por melhores condições de vida, de saúde, de educação, do nosso povo. A pobreza é péssima conselheira.

Façamos sempre o que estiver ao nosso alcance, através desses magníficos movimentos existentes em nossa cidade, das Associações de Classe (indistintamente), dos setores organizados de nossa cidade, das Associações Religiosas (sem nenhuma conotação partidária, mas todas elas dos atuantes Clubes de Serviço, etc.

Existe um grupo grande e bom, de mulheres e homens decididos que, juntos, muito poderão fazer, porque querem fazer. Esta mensagem está evidentemente se dirigindo àqueles que julgam isto de justiça. Praza aos céus que outras cidades façam sua parte, e, juntos, como cidadãos responsáveis e dinâmicos, possamos nos dar as mãos e exigir de quem foi eleito pelo voto livre e democrático que trabalhe e dignifique sua escolha pelo povo, retribuindo nossa confiança. Sejam autênticos e sinceros: o que queremos para nós e nossos familiares é sempre o que pudermos ter de melhor.

Façamos nossa parte na melhoria de vida de nossos irmãos menos afortunados. O pobre desperta — erroneamente, quando não maliciosamente — sentimentos de filantropia e ajuda a aliviar consciências pesadas. Façamos o que pudermos de melhor, todos nós que somos responsáveis. E, afinal, como ser humano, resolva ser você mesmo e saiba que aquele que finalmente se encontra perde sua miséria. E encontra Deus!

* Fernando Régis Dantas é psiquiatra e sociólogo.

Por ocasião da Reunião Distrital de Guarulhos, realizada dia 26 de março último, naquela cidade, a diretoria da APM, em sessão solene, prestou homenagem a oito mestres que se destacaram entre os seus pares, agraciando-os com a placa de prata da entidade. Os homenageados foram os seguintes:

Celso Antonio Giglio, mestre consagrado de Ginecologia/Obstetrícia, que também se dedicou à política, havendo exercido o cargo de vereador, secretário de Saúde e prefeito municipal, pela cidade de Osasco. É tido como médico atuante e o homem com maior capacidade de voto da região. Foi, também, deputado estadual.

O segundo homenageado, Luiz Antonio Silva Leme, de Osasco, é homem que durante a vida recebeu inúmeras honrarias, as quais fez jus pelos altos serviços prestados aos nossos semelhantes, já por ser médico dedicado, já pelas entidades que presidiu.

O terceiro, Willian Dib, também médico e político, homem de grande valor e destaque na cidade de São Bernardo do Campo, onde foi vereador, secretário de Saúde etc.

O quarto homenageado, Antonio de Souza Voto, é um dos médicos pioneiros da cidade de São Caetano do Sul, local onde se radicou por encantar-se com o progresso nascente que vira, nos idos de 1938. Nessa cidade construiu o primeiro hospital, Bartira, havendo grande clientela. Dirigiu várias entidades de classe, recebeu inúmeras comendas e outras honrarias, teve e tem muitos discípulos, pois é o exemplo maior da dedicação à Medicina e à caridade alheia.

O quinto homenageado, Henrique Caldeazzo, formado em Farmácia, em 1926, e em Medicina, em 1950, fundou várias entidades em prol da Medicina e dos que dela precisam. Homem de vida laboriosa e fecunda, distribuiu o bem por onde andou. Dos seus esforços nasceram um centro de saúde, três hospitais, um laboratório de análises, a Regional da APM de Santo André, e muito, muito mais.

O sexto homenageado, Kazuhiro Mori, formado na Praia Vermelha, turma de 56, dedicou-se à Medicina e à política, havendo assumido a vereança de Suzano, pela primeira vez, em 1954. Na atividade política nunca descurou da Medicina, ao contrário, sempre a exerceu com proficiência e dedicação, prestando relevantes serviços à coletividade.

O sétimo, Antonio Pedro Flores Auge, especializado em Ginecologia e Obstetrícia, também dedica-se à política. Há cerca de dez anos vem assessorando o secretário municipal de Saúde de São Paulo, onde desenvolveu trabalhos de real importância para a população. Atualmente é secretário municipal de Saúde da cidade de Guarulhos, onde vem colocando em prática todo o seu potencial criativo.

E, finalmente, o último homenageado, Cristóvão Canêdo Gomes, é cirurgião vascular, especializado nos mais importantes centros médicos do mundo: Manchester; Fatebunifratelli, Fatebenesorelle, em Milão; Hospital Baylor, Houston. Sócio de inúmeras entidades científicas e culturais, nacionais e internacionais, é o atual vice-presidente da nossa Associação.

G.A.P.